



UNIVERSIDADE DE BRASÍLIA - UNB
Departamento de Teorias Literária e Literaturas (TEL)

MARCELLA CRISTINA CÂNDIDA DA SILVA

UMA ABORDAGEM INTRODUTÓRIA ACERCA DOS ASPECTOS
CONSTITUINTES DE *A HORA DA ESTRELA*

Brasília - DF

2023

MARCELLA CRISTINA CÂNDIDA DA SILVA

UMA ABORDAGEM INTRODUTÓRIA ACERCA DOS ASPECTOS
CONSTITUINTES DE *A HORA DA ESTRELA*

Monografia em Literatura apresentada ao curso de
Letras Português da Universidade de Brasília - UnB,
como requisito parcial para a obtenção do título de
Licenciada.

Orientador: Prof. Dr. Robson Coelho Tinoco

Brasília - DF

2023

Agradecimentos

Agradeço primeiramente a Deus por ter me permitido chegar até aqui, apesar das dificuldades pessoais, acadêmicas e pandêmicas vividas no caminho. Agradeço também às pessoas próximas que estiveram sempre atentas às minhas reclamações e desabafos. Sei que a jornada universitária é repleta de desafios, então agradeço pela parceria, pelo incentivo e pelas pessoas que abriram mão de suas próprias vidas para que eu pudesse estar aqui hoje.

Gostaria de agradecer especialmente à sete pessoas que marcaram minha vida e me tornaram uma pessoa infinitamente melhor: ao meu pai, que sempre se sacrificou muito para que eu pudesse ter uma educação de qualidade mesmo aos trancos e barrancos.

À minha amada vó, que infelizmente, não está aqui para presenciar mais essa conquista, mas a ela eu devo tudo o que sou hoje. Ela me ensinou sobre amor, abnegação e força. Se um dia eu for metade de quem ela foi, já serei uma grande mulher.

Ao Igor, que esteve comigo em momentos trágicos e difíceis, me tornou uma pessoa mais resiliente e madura diante dos acontecimentos da vida, me mostrou o que é o amor e a parceria. Obrigada pela honra de te acompanhar. aguardo ansiosa pelo resto da vida com você.

À Carol, minha eterna “miga”. Nós somos feitas da mesma matéria, uma alma dividindo corpos diferentes. Minha infância, minha adolescência e toda a minha vida são muito melhores com você. Obrigada por me emprestar seus ouvidos e ser a sensatez da minha consciência.

À Rafa, minha irmã, que me acompanhou, compreendeu, estendeu o braço e o corpo inteiro sem ressalvas, que me alegrou e me fez nunca desistir, mesmo quando eu achava que esse era o único caminho possível. A ela eu devo minha vida.

Por último, e não menos importante, à Helena e ao Gabriel, que trouxeram alegria para a minha experiência acadêmica. Sem vocês minha jornada universitária seria um abismo de tristeza e mesmice.

Resumo

Diante da relevância de Clarice Lispector como escritora brasileira e das inúmeras controvérsias e disparidades que há na crítica a respeito das obras da autora, esse trabalho tem por objetivo abordar o livro *A hora da estrela*, que foi marcante por mudar o olhar da análise de suas obras, que sempre foram consideradas demasiadamente subjetivas. Tendo isso em vista, far-se-á uma análise inicial a partir das produções de Hermenegildo, Antonio Candido, entre outros, a respeito de alguns aspectos que integram a obra, como a construção da personagem feminina, objetificação e o caráter desfetichizador de sua obra, sem perder de vista o caráter social contido nela.

Palavras-Chave: Clarice Lispector. Literatura. A hora da estrela.

Abstract

Faced with the relevance of Clarice Lispector as a Brazilian writer and the numerous controversies and disparities that exist in criticism regarding the author's works, this work aims to address the book *A hora da Estrela*, which was remarkable for changing the perspective of the analysis of her works, which have always been considered too subjective. With this in mind, an initial analysis will be made based on the productions of Hermenegildo, Antonio Candido, among others, regarding some aspects that integrate the work, such as the construction of the female character, objectification and the defetishizing character of its work, without losing sight of the social character contained in it.

Keywords: Clarice Lispector. Literature. *A hora da estrela*.

SUMÁRIO

1. INTRODUÇÃO	7
2. LITERATURA E SEU CARÁTER DESFETICHIZADOR	9
3. RODRIGO S.M.: UMA FACETA DE CLARICE	13
4. MACABÉA E A REPRESENTAÇÃO DO FEMININO EM SUAS RELAÇÕES.....	16
5. OBJETIFICAÇÃO DE MACABÉA E A DEGRADAÇÃO HUMANA	20
6. O EXISTENCIALISMO E A MORTE EM A <i>HORA DA ESTRELA</i>	23
7. CONSIDERAÇÕES FINAIS	25
8. REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS	26

1. INTRODUÇÃO

Clarice Lispector foi uma escritora naturalizada brasileira que produziu durante toda sua vida, desde muito nova, e marcou a literatura do século XX com sua produção intimista, subjetiva e de caráter existencialista. Justamente por essa característica, que a diferencia e a torna excepcional, a autora foi alvo de muitas críticas e considerada alienada por escrever sobre abstrações enquanto a realidade social clamava por alguém que a olhasse e socorresse.

Durante a entrevista que concedeu à Júlio Lerner, na TV Cultura em 1977, transcrita por Mota (2020), Clarice afirma que o objetivo dela era apenas escrever, independente do assunto e sem determinar um público específico ao qual se destinaria suas produções. A autora afirma também, na mesma entrevista, que nunca assumiu a carreira de escritora e se denomina amadora. Ela diz, ainda, que só escreve quando quer e faz questão de não ser uma profissional a fim de manter sua liberdade.

Clarice, então, manteve sua postura e foi fiel às suas escolhas. No entanto, ao escrever *Mineirinho* e *A hora da estrela*, a autora rompe a barreira da crítica e lança obras que possuem, também, um viés social sem deixar de lado as características de sua escrita. Isto posto, a ótica que este trabalho apresenta, considera sim os aspectos sociais, que são indissociáveis às produções artísticas, entretanto, foca, de maneira mais enérgica, nas características essenciais da escrita da autora, como a subjetividade e o significado que transborda a palavra dita, pois “atravessada pelas questões existenciais, que não escamoteiam a luta de classes, mas a incorporam, a narrativa se autoquestiona questionando a nós, leitores” (CHIAPPINI, 1996, p.72).

Destarte, este trabalho é fruto, em primeiro momento, de um contato extasiante com as obras de Clarice Lispector e um desejo de assimilar mais profundamente suas produções. *A hora da estrela* é uma obra que cabe no presente pois, as condições humanas e sociais expostas na obra, ainda hoje, permeiam a realidade. Lançar um olhar crítico sobre o presente, requer um conhecimento do passado e o caminho trilhado pela humanidade para chegar ao que se chama de futuro.

O presente trabalho é uma tentativa inicial de compreender alguns aspectos acerca da obra *A hora da estrela*, pois o impacto pessoal desta narrativa, moveu cada página aqui escrita e tem o intuito de levar a reflexão sobre alguns assuntos que a integram. Dessa forma, por meio de um viés teórico-analítico, as seções serão abordadas e desenvolvidas a fim de trazer luz a questões que a obra expõe de forma implícita ou explícita, pois, como afirma Rodrigo

S.M.: “Sim, mas não esquecer que para escrever não importa o quê meu material básico é a palavra. Assim é que esta história será feita de palavras que se agrupam em frases e destas se evola um sentido secreto que ultrapassa palavras e frases.” (LISPECTOR, 2020, p. 12).

Inicialmente, na seção 2, será abordada, por meio da reflexão de Hermenegildo Bastos a partir das considerações de Lukács, a capacidade desfetichizadora da arte, tratando aqui, de forma especial, da literatura. Tendo isso em vista, é preciso pontuar que a literatura pode ser percebida como um meio de desfetichizar a condição de degradação humana e as condições sociais, ou seja, de mostrar as coisas como elas são, desvelar a realidade sem idealizações ou mistificações e oferecer ao receptor da obra meios para modificá-la.

Alguns autores e obras literárias, como Lukács e Hermenegildo por meio de suas abordagens teóricas, e Clarice Lispector, através de suas produções literárias, têm sido especialmente importantes na desfetichização da realidade. Pois, ao ter contato com obras como *A hora da estrela*, o receptor pode vivenciar o processo catártico que produções como essas possuem e desfetichizar as relações sociais e o modo como encaram a vida material.

Na seção 3, será abordado como Clarice, em alguns aspectos, se projeta na obra através de Rodrigo S.M. e como ele se envolve com a personagem Macabéa de forma ambivalente e a constrói com todas as nuances subjetivas e existenciais.

Para além disso, é interessante pontuar que ora o narrador se aproxima e compadece de Macabéa, ora se distancia dela com afirmações brutais sobre sua pobreza e miséria, como se ele sentisse a necessidade de se reafirmar como um ser diferente e, conseqüentemente, melhor, evidenciando, ainda mais, suas diferenças de classe. Acerca disso, Borges afirma: “Estamos diante de uma diferença em relação ao pobre consagrado pela hegemonia imaginária, que tende a caracterizá-lo como caricato e pitoresco.” (2014, p. 74).

Seguindo adiante, a seção 4 é iniciada e tem como objetivo reunir elementos internos à obra que esclareçam quem é Macabéa, como ela é vista e evidenciar de que modo a construção de seu feminino se dá pela negação, partindo da percepção de que Glória é tudo o que Macabéa não é. Logo, a identidade da personagem se estabelece pelo contraste, não apenas com Glória, mas com todos ao seu redor.

Já na seção 5, é proposto uma breve análise sobre a maneira como Macabéa não se sentia humana e era, por vezes, comparada a objetos e a outros seres vivos. Essa forma de narrar a personagem e sua presença no mundo é uma tentativa de reduzir sua humanidade e mostrar ao receptor o quão distante ela estava do que é esperado e considerado normal. Sua vivência, por vezes, se reduz a nada e ela existe de forma quase fantasmagórica, vindo de coisa alguma e se direcionando para lugar nenhum. O excerto a seguir ratifica: “Quero antes afiançar que essa

moça não se conhece senão através de ir vivendo à toa. Se tivesse a tolice de se perguntar ‘quem sou eu?’ cairia estatelada em cheio no chão.” (LISPECTOR, 2020, p. 13).

Nessa seção, propõe-se, também, uma reflexão acerca da luta de classes e a maneira como Rodrigo S.M. se impõe, em diversos momentos, com um ar de superioridade burguesa, ratificando a miséria de Macabéa. A esse respeito, Chiappini declara que os:

[...] títulos enfileirados imediatamente antes do início da narrativa propriamente dita, que já antecipavam a verdadeira luta de classes que se estabelece ao longo do livro entre a narradora-narrador e sua personagem, Macabéa, que se insinua, num relance, em meio à multidão, como no poema de Baudelaire (“A une passante”) e daí para a frente se impõe como assunto, personagem, interlocutora e alterego da escritora. (1996, p. 66).

Por fim, a seção 6 se detém ao existencialismo presente na obra e ao significado da morte que *A hora da estrela* apresenta, visto que, até mesmo o título anuncia esse momento inevitável.

2. LITERATURA E SEU CARÁTER DESFETICHIZADOR

Hermenegildo, em seus estudos discorre sobre poesia e história, dialogando com as obras de Gyorgy Lukács, que parte de uma visão aristotélica e marxista para desenvolver suas considerações acerca da poesia, história, ciência, arte e seu caráter desfetichizador. Nesse sentido, o autor afirma que:

A força da literatura está em representar os destinos dos seres humanos concretos e fazer o leitor perceber na representação do destino dos outros o seu próprio destino, realizando, assim, um processo, o da catarse, de síntese entre o individual e o universal, a aparência e a essência, o casual e o necessário. (BASTOS, 2015, p. 191).

De acordo com Hermenegildo (2015) os limites históricos presentes nas artes são, por definição, advindos da vida prática e objetiva, frutos das ações humanas. Com isso em vista, a obra literária, pode conduzir o leitor a perceber esses limites e, assim, propor condições e gerar transformações concretas na vida real para que eles sejam ultrapassados. Visto que os limites presentes nas obras provêm do mundo material, o papel catártico e desfetichizador delas é o de guiar o homem a reconhecer e compreender esses limites e, assim, superá-los.

As artes em geral, e tratando aqui, especificamente, sobre a literatura, apresentam personagens que se deparam com esses limites construídos pelos homens, mas não o percebem,

pois, as condições em que estão, não permitem esse novo olhar de superação. Então, “Quando se trata [...] de discutir o papel emancipador da arte, cabe questionar como esta ou aquela obra se posiciona frente a esses limites, à sua natureza.” (BASTOS, 2015, p. 190).

A literatura, possui um fim para além de si mesma, ainda que essa não seja a intenção inicial do autor. Assim sendo, “A obra não representa os condicionamentos como algo externo a ela como se dependesse do artista - de uma opção sua - considerá-los ou não. A arte faz parte do mundo que representa, de modo que os limites lhe são inerentes.” (BASTOS, 2015, p. 190). Isso posto, para que o homem da vida concreta consiga perceber essas limitações e mudá-las, é necessário que haja uma relação entre a vida real e o que está representado na obra, pois, “De outra forma, a mimese não seria mais do que uma sobreposição descabida” (BASTOS, 2015, p.191). Nesse sentido, o excerto a seguir corrobora para tal afirmação: “Se há veracidade nela - e é claro que a história é verdadeira embora inventada - que cada um a reconheça em si mesmo porque todos nós somos um [...]” (LISPECTOR, 2020, p. 10). Desse modo, a obra literária assume o papel de despertar a ação humana e gerar consciência do gênero humano porque, na vida material, o ser humano está imerso no fetichismo que se revela através do capitalismo, e, por isso, não consegue perceber isso por si só.

Fica evidente, portanto, que a arte está para além de mera função decorativa ou lúdica. A arte é, fundamentalmente, uma ação que carrega posicionamento, pois, “No mundo da vida tão achatado do capitalismo tardio, a arte não é (como jamais pôde ser na verdade) um mero refúgio para a agonia sofisticada ou não nem um reino elevado que esteja isento das mazelas do cotidiano rebaixado” (BASTOS, 2015, p. 191).

É impossível fazer arte desvinculada de qualquer tomada de posição e, ao se ter contato com a arte, algum tipo de transformação é gerada. A literatura, que nesse texto é o objeto central, é uma ação poética. A origem da palavra poesia é grega e vem de *poiésis*, que evoca, necessariamente, uma ação. “Assim, por poesia não se deve entender um estado de textos, mas uma ação, especificamente a ação produtiva [...]” (BASTOS, 2015, p. 191). Nesse sentido, a literatura é vista sob a ótica de sua capacidade transformadora, pois, ao construir uma personagem como a Macabéa, por exemplo, o gênero humano se reconhece em sua condição, mazelas e inércia e, pode, a partir de então, mudar.

É na poesia que o leitor traz o passado à tona na condição de presente e é através dela que o leitor se apropria da história ali representada e reconhece seu próprio destino (BASTOS, 2016, p. 3). Estabelece-se, então, a diferença entre história e poesia. A primeira volta seu olhar para descrever os acontecimentos e registrar causas e efeitos; já a poesia tem o poder de evocar e tornar o passado uma vivência atual, sem a pretensão de explicar nada. Dito

isso, o que gera no leitor essa apropriação e reconhecimento é o *Páthos*. O *páthos* é a força transformadora, “[...]é o que move ou comove.” (BASTOS, 2016, p. 38).

Ao passo que as obras de arte apresentam uma fração do todo e revelam ao homem certos aspectos de sua realidade, ela também evoca uma pulsão transformadora. Esta contradição presente na obra de arte pode ser ultrapassada a partir do momento em que ela chama o leitor para a ação e desperta no homem a consciência de sua própria condição. Desse modo, a obra nunca apresenta um caminho fixo ou determinado, pelo contrário, ao evocar a ação no homem, as possibilidades (que advém da realidade, bem como os limites) e diferentes caminhos se apresentam como resultado dessa ação. É importante ressaltar que a condição em que vive o homem no mundo material, com seus limites, não faz parte do homem, ou seja, não é intrínseco a ele, assim sendo, cabe a ele enxergar isso e encontrar saída. Pois:

A obra propicia uma vivência dos limites que é também a do seu conhecimento possível. Os limites são vivenciados pelos personagens e é a vivência mesma que indica a possibilidade de superação. A obra indica, pois, [...] as alternativas que o herói, ou o sujeito humano, pode ter pela frente, não como algo que ele simplesmente encontra no mundo dos fatos, mas como resultado de sua própria ação. (BASTOS, 2015, p. 193).

A hora da estrela ganha destaque porque a história de milhares de pessoas foi escrita, não como um determinismo, mas como um marco onde a história e a poesia se encontram. A obra de Clarice revela a condição humana de estranhamento com o trabalho, falta de apropriação da própria vida e do próprio ser, inaptidão, deslocamento e não pertencimento, que é comum à natureza humana, diante de determinados momentos e contextos.

Clarice Lispector, durante a última entrevista que concedeu antes de morrer, à Júlio Lerner, para a TV Cultura, em 1977, afirma que *A hora da estrela*: “É a história de uma moça tão pobre que só comia cachorro quente. A história não é isso só não, a história é de uma inocência pisada, de uma miséria anônima.” Logo em seguida, ela afirma:

Eu morei em Recife, eu morei no Nordeste, eu me criei no Nordeste. E depois, no Rio de Janeiro, tem uma feira de nordestinos no Campo de São Cristóvão e uma vez eu fui lá. E peguei o ar do ... meio perdido do nordestino no Rio de Janeiro. Daí começou a nascer a ideia de um... depois eu fui a uma cartomante e imaginei... Ela disse várias coisas boas que iam acontecer e imaginei, quando tomei o táxi de volta, que seria muito engraçado se um táxi me pegasse, me atropelasse e eu morresse depois de ter ouvido todas aquelas coisas boas. Então daí foi nascendo também a trama da história. (MOTA, 2020, p. 221, 222).

A hora da estrela é, sobretudo, uma obra sobre o deslocamento, sobre a miséria e pequenez humana, pois, ao criar Macabéa, Clarice reúne tudo o que há de mais inadequado e

dispensável para a sociedade de produção atual e representa, como ninguém, o desconforto em ser o que se é em uma sociedade projetada para rejeitar tudo o que lhe é estranho.

No trecho: “Nem se dava conta de que vivia numa sociedade técnica onde ela era um parafuso dispensável” (LISPECTOR, 2020, p. 26), é possível ver o reflexo de uma sociedade capitalista, que descartava Macabéa por não ter “funcionalidade” relevante alguma aos olhos do sistema.

Ao trazer para a realidade, nota-se que há uma Macabéa presente em cada indivíduo e que esse incômodo e inadequação são inerentes ao gênero humano e se intensificam no modo de produção material que vigora, pois, para além da vida, o mundo exige um ser produtivo, que movimente a engrenagem e que produza acima de tudo.

Clarice, por meio da narrativa, desperta no indivíduo, através dos comportamentos de Macabéa e dos demais personagens, a profunda ânsia e inquietação humana de quem procura para si um lugar no mundo, pois, ao acompanhar os personagens na trama, o leitor é confrontado e levado a refletir sobre seu posicionamento e ação no mundo e a se questionar sobre quem ele é, o que o define, o que deseja, o que o diferencia dos demais, no que acredita e na maneira como ele pode lidar com as próprias insatisfações e modificar a realidade. Bastos ratifica:

O receptor da obra de arte percebe que pode controlar e modificar as situações. E mesmo quando não pode modificar, pode perceber o “destino”, aparentemente nascido da natureza das coisas, como destino produzido pelos homens, e nele os limites e a possibilidade de superação. Em sua missão desfeticizadora, a arte representa situações de aflição, opressão e submissão, situações de degradação do mundo e da vida. Mas as personagens representadas nessas situações podem perceber as situações como humanas, o que não quer dizer próprias à “condição humana”. E se assim as percebem, percebem também a possibilidade de superá-las. (2015, p. 197).

A hora da estrela tem a capacidade de despertar no gênero humano a ação para a vida, a autorreflexão e a catarse que gera um posicionamento. Bastos afirma:

“A arte ou é desfeticizadora ou não é arte. A isso Lukács chama realismo: em sua missão desfeticizadora, a arte representa situações de opressão, de degradação da humanidade do homem, mas as personagens aí representadas podem perceber essas situações como situações criadas pelos homens, não como próprias de uma condição humana anistórica, e se assim as percebem, percebem também as possibilidades de superá-las.” (BASTOS, 2016, p. 48).

Ou seja, a arte só é arte se é desfeticizadora, se é capaz de despertar no indivíduo um olhar mais atento à sua realidade e produzir ação, mudança e consciência da condição humana e *A hora da estrela*, definitivamente, cumpre esse papel.

3. RODRIGO S.M.: UMA FACETA DE CLARICE

A hora da estrela é uma obra inovadora porque apresenta ao leitor um autor-narrador masculino, aspecto esse, sem precedentes na prosa de Clarice. Rodrigo S.M. se envolve na narrativa de forma livre ao relatar sua vivência, comentar aspectos cotidianos de sua própria vida, dialogar com o leitor, desabafar sobre o doloroso processo de escrita e tecer comentários ambivalentes a respeito de Macabéa, pois, em certos momentos trata-a com frieza, em outros, se compadece dela. Os trechos a seguir ratificam essa afirmação: “Bem é verdade que também eu não tenho piedade do meu personagem principal, a nordestina: é um relato que desejo frio. Mas tenho o direito de ser dolorosamente frio, e não vós. (LISPECTOR, 2020, p. 11); “Ah pudesse eu pegar Macabéa, dar-lhe um bom banho, um prato de sopa quente, um beijo na testa enquanto a cobria com um cobertor. E fazer que quando ela acordasse encontrasse simplesmente o grande luxo de viver.” (LISPECTOR, 2020, p. 53).

Logo nas primeiras páginas, o narrador se apresenta e declara: “A história - determino com falso livre-arbítrio - vai ter uns sete personagens e eu sou um dos mais importantes deles, é claro. Eu, Rodrigo S.M.” (LISPECTOR, 2020, p. 11). Diante disso, o autor-narrador torna-se um autor-narrador-personagem, imbuído completamente, em todos esses aspectos constituintes da narrativa. Como afirma Guidin:

Temos um autor identificado e nomeado, Rodrigo S.M., que confundindo-se com a figura do narrador, escreve a história de Macabéa. Ao narrar as fracas aventuras da personagem, ele fala de si mesmo, transformando-se portanto, também em personagem do texto. Temos então a personagem narrada em terceira pessoa (ela Macabéa) e um escritor-narrador-personagem narrando-se em primeira pessoa. (2002, p. 45).

Rodrigo S.M. insere o leitor nos próprios pensamentos e questionamentos, que possuem uma roupagem simples através de uma linguagem singela. Como ele mesmo afirma: “Pretendo, como já insinuei, escrever de modo cada vez mais simples. Aliás, o material que disponho é parco e singelo demais [...]” (LISPECTOR, 2020, p. 12). Em um primeiro momento, essas falas podem parecer simples sob um olhar desatento ou levando em consideração apenas uma parte de suas afirmações, no entanto, é necessário ressaltar que o autor-narrador-personagem se contradiz em diversos momentos. O trecho “Só não inicio pelo fim que justificaria o começo - como a morte parece dizer sobre a vida - porque preciso registrar os fatos antecedentes.” (LISPECTOR, 2020, p. 10). Deixa claro que Rodrigo S.M. já sabe o fim da história e afirma ao leitor que há uma morte aguardada para o final e que o conteúdo do livro

será, justamente, o registro dos fatos que antecedem a morte. Porém, nas páginas que se seguem, nota-se que, diferente do exposto acima, Rodrigo S.M. explica que não sabia a respeito da morte de Macabéa e que não falaria em morte: “Macabéa por acaso vai morrer? Como posso saber? E nem as pessoas ali presentes sabiam.” (LISPECTOR, 2020, p.74) e “Ainda bem que pelo menos não falei e nem falarei em morte e sim apenas um atropelamento.” (LISPECTOR, 2020, p. 72).

Para falar de sua protagonista, Rodrigo sente a necessidade de se rebaixar ao nível dela a fim de conseguir captar, da forma mais fidedigna possível, sua miséria:

Agora não é confortável: para falar da moça tenho que não fazer a barba durante dias e adquirir olheiras escuras por dormir pouco, só cochilar de pura exaustão, sou um trabalhador manual. Além de vestir-me com roupa velha e rasgada. Tudo isso para me pôr ao nível da nordestina. (LISPECTOR, 2020, p. 17).

O narrador, ao fazer afirmações desse tipo, deixa claro seu lugar elevado de enunciação e faz questão de, ao longo da obra, ser o “outro”, aquele que se diferencia em tudo de sua personagem tão degradada. Ele é homem, ela é mulher. Ele é burguês, ela não é. Ele domina a palavra, ela mal sabe escrevê-las. Ele tem comida e até um cachorro que alimenta; ela, para matar o desejo de algo que não seja cachorro-quente, mastiga papel imaginando o gosto de um frango. Ele sabe francês e inglês, ela pensava que a única língua do mundo era o português, que chamava de brasileiro.

Dadas essas contradições, que conferem ao narrador uma personalidade, Lispector o ultrapassa e imprime um pouco de si na obra, fundindo as duas personalidades e criando algo novo. Clarice, que por vezes se confunde com Rodrigo S.M., opta por utilizar um autor-narrador-personagem masculino para falar de suas próprias vivências, percepções e angústias existenciais. Ao atribuir um fazer literário que perpassa o masculino, ela se justifica dizendo: “Aliás - descubro eu agora - também eu não faço a menor falta, e até o que escrevo um outro escreveria. Um outro escritor, sim, mas teria que ser homem porque escritora mulher pode lacrimejar piegas.” (LISPECTOR, 2020, p. 12). Chiappani observa que: “[...] o disfarce masculino da narradora, espécie de álibi muitas vezes por ela própria desmentido, serve entre outras coisas para ironizar esse estilo brutalista, tradicionalmente masculino, atribuindo à mulher, como única alternativa, a pieguice.” (1996, p. 68).

Como uma teia emaranhada, Clarice, Rodrigo e Macabéa ganham espaço à medida que a narrativa avança e a construção dela se dá por meio de um constante jogo de reconhecimento e fatos pessoais que se misturam e são fundamentais para a construção das

personagens. Como abordado na seção 2. *Literatura e seu caráter desfeticizador*, a ideia da composição da novela e da personagem Macabéa, surgiu de uma experiência pessoal vivida por Clarice. Esse fato se comprova, mais uma vez, com um excerto que integra *A hora da estrela*: “É que numa rua do Rio de Janeiro peguei no ar de relance o sentimento de perdição no rosto de uma moça nordestina. Sem falar que eu em menino me criei no Nordeste. Também sei das coisas por estar vivendo. Quem vive sabe, mesmo sem saber que sabe.” (LISPECTOR, 2020, p. 10). Fica evidente, portanto, que ao escrever esse trecho, Clarice se coloca na obra através de Ricardo e tece Macabéa de acordo com suas percepções do mundo e de aspectos vividos por ela durante sua trajetória de vida. A esse respeito, Souza declara:

Rodrigo-personagem é o avesso de Clarice, uma espécie de alter-ego por meio do qual sua voz possa ecoar em um mundo hostil às vozes femininas. Lembrando que Rodrigo não funciona como um heterônimo de Clarice, ao estilo pessoano, pois ele não possui, por mais que acredite, singularidade e personalidade próprias, o tempo todo a autora permeia a narrativa de Rodrigo, insinuando-se, aproveitando espaços, sempre deixando claro sua presença, valendo-se de muitos recursos para esse intento: a autoria, a dedicatória e o “esboço” dos treze possíveis títulos da obra. (2006, p. 100).

A obra é carregada de uma atmosfera existencialista de modo que a palavra e a escrita possuem para Rodrigo S.M. uma forma de escapar de si mesmo e existir no mundo: “Mas acontece, que só escrevo o que quero, não sou um profissional - e preciso falar dessa nordestina senão sufoco. Ela me acusa e o meio de me defender é escrever sobre ela.” (LISPECTOR, 2020, p. 15).

Essas facetas de Rodrigo são mais uma insinuação da pessoa de Clarice que se revela por meio do narrador. A exemplo:

Escrevo por não ter nada a fazer no mundo: sobrei e não há lugar para mim na terra dos homens. Escrevo porque sou um desesperado e estou cansado, não suporto mais a rotina de me ser e se não fosse a sempre novidade que é escrever, eu me morreria simbolicamente todos os dias. (LISPECTOR, 2020, p. 18).

Para além disso, nota-se que a novela aborda questões materiais claras como: cultura, profissão, o processo de escrita, já mencionado, e classe social. Todos esses aspectos constroem esse narrador-personagem com uma complexidade ímpar, porque ele dialoga não somente com as personagens, mas também com a realidade social de uma forma muito direta e reflexiva. Rodrigo afirma: “Transgredir, porém, os meus próprios limites me fascinou de

repente. E foi quando pensei em escrever sobre a realidade que me ultrapassa. Qualquer que seja o que quer dizer “realidade”. (LISPECTOR, 2020, p. 15).

O narrador convida o leitor, mais uma vez, a refletir sobre a realidade que os cerca, quando diz:

Se o leitor possui alguma riqueza e vida bem acomodada, sairá de si para ver como é às vezes o outro. Se é pobre, não estará me lendo porque ler-me é supérfluo para quem tem uma leve fome permanente. Faço aqui o papel da vossa válvula de escape da vida massacrante da média burguesia. (LISPECTOR, 2020, p. 27).

Antonio Candido, crítico brasileiro extremamente relevante, lançou um olhar analítico sobre a relação entre literatura e sociedade. Na obra *Literatura e Sociedade*, Candido desenvolve de maneira profunda o tema e, dessa forma, oferece ao leitor e à crítica ferramentas e a possibilidade de compreender as características da literatura brasileira e as influências externas exercidas sobre ela. Ele faz um breve resumo histórico de como a crítica analisava os aspectos sociais dentro da obra e sua relevância para a formação estética. Candido esclarece:

De fato, antes procurava-se mostrar que o valor e o significado de uma obra dependiam de ela exprimir ou não certo aspecto da realidade, e que este aspecto constituía o que ela tinha de essencial. Depois, chegou-se à posição oposta, procurando-se mostrar que a matéria de uma obra é secundária, e que a sua importância deriva das operações formais postas em jogo, conferindo-lhe uma peculiaridade que a torna de fato independente de quaisquer condicionamentos, sobretudo social, considerado inoperante como elemento de compreensão. Hoje sabemos que a integridade da obra não permite adotar nenhuma dessas visões dissociadas; e que só a podemos entender fundindo texto e contexto numa interpretação dialeticamente íntegra, em que tanto o velho ponto de vista que explicava pelos fatores externos, quanto o outro, norteado pela convicção de que a estrutura é virtualmente independente, se combinam como momentos necessários do processo interpretativo. Sabemos, ainda, que o *externo* (no caso, o social) importa, não como causa, nem como significado, mas como elemento que desempenha um certo papel na constituição da estrutura, tornando-se, portanto, *interno*. (CANDIDO, 2006, p. 12, 13).

Desse modo, a compreensão e análise de *A hora da estrela* feita aqui, considera os fatores externos importantes na construção da narrativa, não só porque ela aborda esses aspectos, como por exemplo a migração nordestina, a pobreza, a fome, a morte, a alienação e a representação feminina, mas porque elas se tornam parte essencial da constituição estética e do enredo, sobretudo no contexto modernista.

4. MACABÉA E A REPRESENTAÇÃO DO FEMININO EM SUAS RELAÇÕES

A obra apresenta Macabéa como uma mulher sem consciência de si, sem reconhecimento de sua humanidade e sem saber o quanto sua existência era miserável e pequena diante dos outros e da condição de vida que se impunha sobre ela. O trecho abaixo, retirado de *A hora da estrela*, revela a dor, o desconforto e o desamparo constante que faz parte da vida de Macabéa e que constitui seu ser de tal maneira que é quase como se sua existência não fosse capaz de se sustentar sem esse incômodo insistente. “A dor de dente que perpassa esta história deu uma fígada funda em plena boca nossa.” (LISPECTOR, 2020, p. 10).

Nas páginas que se seguem, em um diálogo com Glória, sua colega de trabalho, Macabéa complementa: “Eu me doo o tempo todo.” (LISPECTOR, 2020, p. 56). Tais trechos, exemplificam bem a vida e humanidade pisada de Macabéa, que não tinha nem conhecimento de que poderia ter uma vida diferente da que vivia. É, portanto, diante desse cenário, que o narrador constrói a personagem e conta a história da trajetória de sua vida miserável até a aguardada hora da estrela.

Em meio às palavras de Rodrigo S.M. e conforme a narrativa avança, o autor-narrador-personagem revela Macabéa, uma jovem de 19 anos, ao leitor:

Tenho então que falar simples para captar a sua delicada e vaga existência. Limito-me a humildemente - mas sem fazer estardalhaço de minha humildade que já não seria humilde - limito-me a contar as fracas aventuras de uma moça numa cidade toda feita contra ela. Ela que deveria ter ficado no sertão de Alagoas com vestido de chita e sem nenhuma datilografia, já que escrevia tão mal, só tinha até o terceiro ano do primário. (LISPECTOR, 2020, p. 13).

No trecho acima, nota-se a inadequação de Macabéa para a cidade grande, o Rio de Janeiro, como para a vida. O narrador ainda reforça:

Sei que há moças que vendem o corpo, única posse real, em troca de um bom jantar em vez de um sanduíche de mortadela. Mas a pessoa de quem falarei mal tem corpo para vender. Ninguém a quer, ela é virgem e inócua, não faz falta a ninguém. (LISPECTOR, 2020, p. 12).

Essa fala reverbera de forma significativa, pois, o impacto dela, além de esclarecer sobre os aspectos internos à obra, extrapola a narrativa e toca no social. Há milhares de mulheres que vendem seus corpos na busca desesperada de obter o mínimo necessário para a manutenção de suas vidas. Esse problema social, atinge, principalmente, as camadas mais pobres da sociedade.

No que tange ao aspecto interno, tal fala compõe a construção da personagem Macabéa e gera um imaginário no leitor que visa imergi-lo na obra para compreender a

dimensão da miséria e da inadequação de Macabéa, pois, através das situações, diálogos, relações e das vivências da personagem, Rodrigo S.M. a reduz a pó.

Macabéa vai sendo criada e apresentada aos poucos como alguém desprovida de si mesma e de qualquer coisa que pudesse lhe conferir um significado maior. Observe:

Quanto à moça, ela vive num limbo impessoal, sem alcançar o pior nem o melhor. Ela somente vive, inspirando e expirando, inspirando e expirando. Na verdade - para que mais que isso? O seu viver é ralo. (LISPECTOR, 2020, p. 20).

Logo após, o narrador-personagem afirma: “Vou agora começar pelo meio dizendo [...] que ela era incompetente. Incompetente para a vida. Faltava-lhe o jeito de se ajeitar. Só vagamente tomava conhecimento da espécie de ausência que tinha de si em si mesma.” (LISPECTOR, 2020, p. 21).

Em dado momento na narrativa, por uma necessidade de estar sozinha, Macabéa foi ao espelho do banheiro do trabalho, se olhou e, então, começou a observar seus ombros curvados para baixo, as manchas no rosto, a pele amarelada pela falta de banho. A esse respeito, o narrador complementa: “Ninguém olhava para ela na rua, ela era café frio.” (LISPECTOR, 2020, p. 24).

A pequenez de Macabéa, além de ser expressada repetidamente pelas falas de Rodrigo, é espelhada nas relações que ela possui. Seu primeiro contato com o mundo foi através de sua tia beata, já que seus pais morreram quando ela tinha apenas dois anos. Esse contato inicial acostuma-a à falta de carinho, de respeito, de felicidade e a ensinou a ser tratada com desprezo. Através de sua criação, Macabéa foi ensinada pela tia a reprimir seus desejos a ponto de ela não ser capaz de distinguir e, verdadeiramente, compreender o que sentia e de pensar criticamente sobre si e o mundo ao redor.

A tia, que era aversa ao casamento, criou Macabéa com o intuito de impedir que ela viesse a ser “[...] uma dessas moças que em Maceió ficavam nas ruas de cigarro aceso esperando homem.” (LISPECTOR, 2020, p. 25). Diante disso, o narrador afirma que: “[...] até mesmo o fato de vir a ser uma mulher não parecia pertencer à sua vocação. A mulherice só lhe nasceria tarde porque até no capim vagabundo há desejo de sol.” (LISPECTOR, 2020, p. 25). Assim sendo, a construção da feminilidade da personagem se dá através da negação de seus desejos e impulsos intrínsecos ao ser humano e, especificamente nesse caso, à mulher.

Ao conhecer Olímpico, “[...]a primeira espécie de namorado da sua vida [...]” (LISPECTOR, 2020, p. 38), Macabéa logo se apaixonou, antes mesmo de saber seu nome, e

através dessa relação, a inadequação e estranheza de Macabéa vai se desnudando em diferentes nuances.

Olímpico era também nordestino e por conta dessa identificação houve a aproximação com Macabéa. Logo no primeiro encontro nota-se a peculiaridade inerente ao relacionamento deles. No segundo encontro, Macabéa já havia se apaixonado e, a ele, destinava seu amor, mesmo que não soubesse seu nome ainda. Veja: “Mas ela já o amava tanto que não sabia mais como se livrar dele. Estava em desespero de amor.” (LISPECTOR, 2020, p. 39).

Apesar da estranheza da relação de Olímpico e Macabéa, esse amor despertara nela aquilo que a tia sempre tentou evitar: o desejo sexual. A respeito disso, Rodrigo S.M. explica:

Ele sabia o que era o desejo - embora não soubesse que sabia. Era assim: ficava faminta mas não de comida, era um gosto meio doloroso que subia do baixo-ventre e arrepiava o bico dos seios e os braços vazios sem abraço. Tornava-se toda dramática e viver doía. Ficava então meio nervosa e Glória lhe dava água com açúcar. (LISPECTOR, 2020, p. 40).

Justamente por não ter sido ensinada a olhar para dentro de si e não ter tido a liberdade de vivenciar suas sensações e as descobertas do seu corpo de maneira saudável, Macabéa não lidava bem com a natureza de seus desejos. Ela não sabia o que fazer com eles e sequer pensava que haveria uma resolução, pois, “Estava habituada a esquecer de si mesma.” (LISPECTOR, 2020, p. 44). Rodrigo complementa, ainda:

Macabéa, esqueci de dizer, tinha uma infelicidade: era sensual. Como é que num corpo cariado como o dela cabia tanta lascívia, sem que ela soubesse que tinha? Mistério. Havia, no começo do namoro, pedido a Olímpico um retratinho tamanho 3x4 onde ele saiu rindo para mostrar os caninos de ouro e ela ficava tão excitada que rezava três pai-nossos e duas ave-marias para se acalmar. (LISPECTOR, 2020, p. 55).

Em um diálogo com Olímpico, Macabéa afirma que não se sentia gente. Observe: “Desculpa, mas não acho que sou muito gente. É que só sei ser impossível, não sei mais nada. Que é que eu faço para ser possível?” (LISPECTOR, 2020, p. 43). No entanto, ela tinha em seu corpo a expressão máxima da vida: o desejo. Sobre isso, Rodrigo S.M. afirma:

Penso no sexo de Macabéa, miúdo mas inesperadamente coberto de grossos e abundantes pêlos negros — seu sexo era a única marca veemente de sua existência. Ela nada pedia mas seu sexo exigia, como um nascido girassol num túmulo. (LISPECTOR, 2020, p. 63).

Olímpico e Macabéa, apesar de serem feitos da mesma matéria, se diferenciavam em tudo. Só o fato de ser homem, já o tornava alguém de maior relevância. Por já ter roubado

e matado, o narrador afirma que isso fazia “[...] com que ele não fosse um simples acontecido qualquer, davam-lhe uma categoria, faziam dele um homem com honra lavada” (LISPECTOR, 2020, p. 52). Já Macabéa, “[...] parecia ter nascido de uma ideia vaga qualquer de pais famintos”. (LISPECTOR, 2020, p. 52).

Além disso, “Enquanto Olímpico era um diabo premiado e vital e dele nasceriam filhos, ele tinha o precioso sêmen. E como já foi dito ou não foi dito Macabéa tinha ovários murchos como um cogumelo cozido.” (LISPECTOR, 2020, p. 53). A ironia de Rodrigo ao dizer “precioso sêmen”, evidencia as relações de poder e de superioridade que se estabelecem sobre Macabéa, não apenas pelo fato dela ser miserável e ausente de si mesma, mas, sobretudo, por ser mulher.

O relacionamento de Macabéa e Olímpico chegou ao fim quando ele conheceu Glória e “ [...] sentiu logo que ela tinha classe.” (LISPECTOR, 2020, p. 53). Glória, era uma mulher com sangue brasileiro, africano e português correndo nas veias. Essa mistura de sua formação e a família que possuía dinheiro e se alimentava bem, devido ao trabalho de seu pai, conquistou Olímpico pelas possibilidades que ela poderia oferecer a ele. Glória, ainda que fosse feia, era loira, mesmo que de maneira artificial e não possuía ovários murchos, ao contrário de Macabéa. “Posteriormente, de pesquisa em pesquisa, ele soube que Glória tinha mãe, pai e comida quente em hora certa. Isso tornava-se material de primeira qualidade. Olímpico caiu em êxtase quando soube que o pai dela trabalhava num açougue.” (LISPECTOR, 2020, p. 54).

Ademais, Macabéa era a antítese de Glória, ou seja, Glória era tudo o que Macabéa não era. A partir disso, observa-se que a construção de Macabéa se dá pela negação. Negação de suas vontades, negação de seus sentimentos, negação de sua humanidade, através da objetificação, negação de sua sexualidade, negação de si mesma e de sua própria existência.

5. OBJETIFICAÇÃO DE MACABÉA E A DEGRADAÇÃO HUMANA

A Macabéa apresentada no livro passa ao leitor a sensação de que está sempre aquém do que poderia ser. Como se a existência dela se limitasse à pequenez a qual foi habituada a vida inteira. A personagem traz à tona a reflexão acerca da função social que cada indivíduo assume e a maneira que os sujeitos são inseridos na sociedade a depender dessas funções e do que produzem.

Para além da força vital que move o ser humano e o impele a traçar o caminho necessário em direção ao que deseja, há as barreiras e circunstâncias sociais que o impedem, tornando-o vítima de sua própria condição e da realidade que o cerca, como a miséria, fome, desigualdade e falta de acesso à direitos básicos para a manutenção digna da vida.

O trecho abaixo, conduz a uma série de reflexões e interpretações, tanto sobre Macabéa quanto sobre o narrador, no entanto, o que busco aqui é destacar que há um julgamento implícito e um desejo explícito que a protagonista assuma as rédeas da própria vida e destino e busque a transformação.

(Ela me incomoda tanto que fiquei oco. Estou oco desta moça. Ela tanto mais me incomoda quanto menos reclama. Estou com raiva. Uma cólera de derrubar copos e pratos e quebrar vidraças. Como me vingar? Ou melhor, como me compensar? Já sei: amando meu cão que tem mais comida que a moça. Por que ela não reage? Cadê um pouco de fibra? Não, ela é doce e obediente.) (LISPECTOR, 2020, p. 23).

Nos moldes da concepção capitalista, o indivíduo é o único responsável por suas condições e vem dele, também, a capacidade e mérito para modificar a situação. No entanto, nada poderia estar mais longe da verdade. Em um sistema profundamente desigual, sai na frente quem já possui recursos para tal. Como uma moça, que estava “numa cidade toda feita contra ela”, que era órfã, que recebia como castigo a privação de comida, que nunca tivera afeto e o único sentimento mais próximo de amor que conhecia, veio de Olímpico, um homem que a desprezava e a maltratava, poderia se desfazer de suas bagagens sociais e pessoais e lutar contra sua condição e a ideologia que se impõe, se ela nem ao menos sabia o que lhe faltava? O trecho abaixo elucidada:

[...] nunca recebera presentes. Aliás não precisava de muita coisa. Mas um dia viu algo que por um leve instante cobiçou: um livro que seu Raimundo, dado a literatura, deixara sobre a mesa. O título era Humilhados e Ofendidos. Ficou pensativa. Talvez tivesse pela primeira vez se definido numa classe social. Pensou, pensou e pensou! Chegou à conclusão que na verdade ninguém jamais a ofendera, tudo que acontecia era porque as coisas são assim mesmo e não havia luta possível, para que lutar? (LISPECTOR, 2020, p. 36).

A quem recorrer e a quem clamar por ajuda? Não apenas Macabéa, como todos os personagens ali, com exceção de Glória, estavam presos ao sistema e às próprias necessidades. Todos ali viviam como podiam para que suas existências não fossem ceifadas. Macabéa trabalhava como datilógrafa, sem compreender bem as palavras e o resultado que seu trabalho produzia. Olímpico era um operário. As quatro Marias, com quem dividia o quarto, também

vendiam sua força de trabalho em prol do enriquecimento de outrem. Assim como elas, milhares de outras pessoas vendem a si mesmas ou trocam sua força produtiva sem ter a quem recorrer. Como bem pontuado por Rodrigo:

Como a nordestina, há milhares de moças espalhadas por cortiços, vagas de cama num quarto, atrás de balcões trabalhando até a estafa. Não notam sequer que são facilmente substituíveis e que tanto existiriam como não existiriam. Poucas se queixam e ao que eu saiba nenhuma reclama por não saber a quem. Esse quem será que existe? (LISPECTOR, 2020, p. 12).

Extrapolando a fala do trecho acima, Hermenegildo explica os estudos de Lukács a respeito das forças produtivas e do estranhamento que corrobora com o que foi exposto até aqui. Bastos afirma (2015) que a partir do momento em que o oprimido se encontra nessa condição de explorado, seu trabalho, sua existência e as relações humanas se tornam estranhas para ele. Uma vez que o homem se torna mercadoria e seu trabalho lhe é estranho, a relação de estranhamento se estabelece, ou seja, “[...]o próprio destino adquire um modo de ser estranhado.” (LUKÁCS, 2013, p. 588 apud BASTOS, 2015, p. 194). O estranhamento gerado ao homem se dá devido ao desenvolvimento das forças produtivas e as relações que se estabelecem a partir desse momento, pois, para que os homens superem as contradições e o estranhamento advindos da relação e das possibilidades diante das forças produtivas, outras contradições e estranhamentos são desenvolvidos.

Para que a situação seja modificada, é preciso que seja despertada uma consciência acerca do trabalho e de como as relações de exploração e desigualdades se perpetuam nos moldes em que o trabalho existe hoje. Ao tomar consciência de sua realidade, surge a possibilidade de uma outra ser estabelecida e essa relação se torna, necessariamente, mais consciente.

Dito isso, quem não possui consciência da própria condição e degradação que vive, tampouco tem o ímpeto de se mover para modificar a realidade e, ainda que isso fosse possível, não seria através da meritocracia puramente, uma vez que ela é uma ilusão que justifica as desigualdades. Conclui-se que ao esperar que a personagem reaja, fica implícito, também as forças produtivas do capitalismo, que através da ação dela, supostamente forneceriam à Macabéa condições melhores de vida.

Agora, um outro olhar será lançado acerca da obra, que considera alguns trechos de comparações de Macabéa a objetos e outros seres. Essa característica evidencia a sociedade técnica e, sobretudo, a maneira como ela era vista e tratada: não como uma pessoa, mas como algo, um objeto que estava disperso no mundo. Observe: “Ela nascera com maus antecedentes

e agora parecia uma filha de um não sei o quê com ar de se desculpar por ocupar espaço.” (LISPECTOR, 2020, p. 24).

Quando o narrador afirma que irá amar o cão, que tem mais comida que a moça, como forma de se compensar, ele afunda Macabéa, mais uma vez, em seu estado de miséria e pobreza. Ao dizer que “Ela ficou de cabeça inclinada para o ombro assim como uma pomba triste.” (LISPECTOR, 2020, p. 44), ele retira sua humanidade e reduz sua existência, como se ela fosse menos do que de fato é, em uma tentativa constante de transmitir ao leitor a precariedade da vida de Macabéa.

Ademais, Macabéa era um ser singular no mundo, não pensava sobre si, estava alheia às próprias expectativas e vontades. Maca, como foi chamada algumas vezes durante a obra, se reduzia constantemente diante das situações e da própria vida que, para ela, não tinha um significado e nem possibilidade de futuro. “Mas Macabéa de um modo geral não se preocupava com o próprio futuro: ter futuro era luxo.” (LISPECTOR, 2020, p. 52)

Nota-se, portanto, que o viver de Macabéa era de pouca importância e relevância no mundo. Sem afeto, sem laços, sem ninguém que se preocupasse genuinamente com ela, e com a presença de um narrador que rememora a todo instante a desumanização de sua personagem.

6. O EXISTENCIALISMO E A MORTE EM A HORA DA ESTRELA

De acordo com o E-Dicionários de termos literários:

O existencialismo é, primordialmente, um modo de entender a existência enquanto existência humana; a sua atenção centra-se na análise da *existência*. Este vocábulo designa o modo de *estar-no-mundo* do próprio homem; enquanto existência, o homem está sempre ligado ao mundo. (2009)

Diante dessa definição e das análises feitas até aqui, nota-se que *A hora da estrela*, bem como todas as obras de Clarice, possuem um caráter existencialista, que desnuda a alma humana em todas as suas nuances.

O relato da vida de Macabéa é um longo passeio pela subjetividade humana e lança um olhar para uma dor que foi, por muito tempo, silenciada e vivida de forma anônima: a dor da invisibilidade social, a dor de não se reconhecer em si mesmo, a dor da fome, a dor do

desamparo, a dor da falta de propósito, a dor do amor que falta, a dor de uma solidão que corrói, a dor da ausência de si mesmo, a dor de existir.

Estas dores atravessam Macabéa e são sua única companhia verdadeira por toda vida. E nessa existência que se gasta dia a dia, a personagem caminha em direção a morte, pois, o que é a vida, se não apenas um caminho para a morte? Como afirma Rodrigo: “[...]e bem sei que cada dia é um dia roubado da morte.” (LISPECTOR, 2020, p. 14).

A consciência da finitude esteve presente ao longo dos séculos como a questão que norteia os conflitos humanos e existenciais. Ao falar sobre a morte, e mais que isso, retratar a invisibilidade e degradação que acompanha Macabéa em vida, Clarice lança um olhar sobre a hipocrisia humana, que apenas evidencia o vulnerável e o torna digno quando não há mais nada a ser feito a respeito daquela vida que passou os dias lutando e clamando de forma silenciosa, porém escancarada, por socorro.

A falta de consciência dos outros em relação a Macabéa, é vista na relação com a tia, com Olímpico, com Glória e até mesmo com madama Carlota, que passou a prever um bom destino para ela apenas quando soube que seria financeiramente bem recompensada. Seus desejos, suas vontades e, principalmente, sua vida foram negligenciadas por todos, inclusive por ela mesma, no entanto, diante da morte, Macabéa ganha status de existência. Quando vista pelo olhar do outro, é como se a personagem, mesmo morta, pudesse finalmente viver porque alguém parou para olhá-la, notá-la e vê-la verdadeiramente. No momento de sua morte, ela brilhou, pois, pela primeira vez, a enxergaram e validaram sua existência. A narração confirma: “Algumas pessoas brotaram no beco não se sabe de onde haviam se agrupado em torno de Macabéa sem nada fazer assim como antes pessoas nada haviam feito por ela, só que agora pelo menos a espiavam, o que lhe dava uma existência.” (LISPECTOR, 2020, p. 73, 74).

Assim que saiu de madama Carlota, Macabéa se sentia

Uma pessoa grávida de futuro. Sentia em si uma esperança tão violenta como jamais sentira tamanho desespero. Se ela não era mais ela mesma, isso significava uma perda que valia por um ganho. Assim como havia sentença de morte, a cartomante lhe decretara sentença de vida. (LISPECTOR, 2020, p. 72).

Ao descer da calçada, um Mercedes amarelo a acertou e sua morte estava iminente. Nesse momento, a luta de classe se evidencia mais uma vez: um carro luxuoso se sobrepõe à uma vida insignificante e pobre. Como se não bastasse toda uma vida de miséria e desprezo diante do outro, Macabéa morreu como sempre viveu: sendo atropelada pelos desejos dos outros, pela vida dos outros, pelos sonhos dos outros e sendo invisibilizada.

No entanto, no momento de sua morte, Macabéa encontra o amparo e conforto que sempre precisou, embora não soubesse que precisava. Clarice torna o momento da morte de Macabéa, aquele capaz de lhe dar a vida e fazê-la se encontrar consigo mesma. Com a cabeça sangrando, deitada no chão, Macabéa pondera: “[...] hoje é o primeiro dia de minha vida: nasci.” (LISPECTOR, 2020, p. 73).

Ali, deitada, com todos ao seu redor, com uma leve garoa caindo sobre ela, Macabéa tem um encontro com a felicidade: “Então — ali deitada — teve uma úmida felicidade suprema, pois ela nascera para o abraço da morte.” (LISPECTOR, 2022, p. 76).

Macabéa morre e vive, enfim, seu momento de estrela. Como afirma Rodrigo S.M.:

[...] na certa morreria um dia como se antes tivesse estudado de cor a representação do papel de estrela. Pois na hora da morte, a pessoa se torna brilhante estrela de cinema, é o instante de glória de cada um e é quando como no canto coral se ouvem os agudos sibilantes. (LISPECTOR, 2020, p. 25).

A morte em *A hora da estrela* insinua, em seu próprio título, o significado que ganhou na obra. A morte, para Macabéa, foi o único destino possível depois de uma vida de mortes e ausências diárias. Deitada em posição fetal, Macabéa estava diante do acontecimento mais aguardado de sua vida: a morte.

7. CONSIDERAÇÕES FINAIS

A análise feita aqui, procurou elucidar aspectos intrínsecos à obra de Clarice, como o existencialismo e a subjetividade de suas obras, que são características importantes de suas produções e imprescindíveis para um estudo abrangente e completo. Diante disso, é possível notar que *A hora da estrela* tirou, de Clarice Lispector, o paradigma de não se importar com o aspecto social e realista de suas obras e conferir à elas, de acordo com a crítica, apenas o caráter supérfluo, subjetivo e existencialista, visto que nesta obra, ela lança um olhar para a miséria vivida por milhares de pessoas diariamente.

Considerando que *A hora da estrela* é uma produção rica, profunda e que ganha uma nova interpretação a cada leitura, a vastidão de seus diversos significados poderá vir a ser objeto de outras análises posteriormente.

8. REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

BASTOS, Hermenegildo. **A poesia na mudança histórica.** Revista Cerrados, Brasília, UNB, [S. l.], v. 24, n. 39, 2015.

BASTOS, Hermenegildo. **Ficcional e verídica (notas sobre a historicidade da poesia).** Revista Letras, Curitiba, UFPR, n. 94, 2016.

BORGES, Tânia Cristina Souza. **“A culpa é minha” ou “A hora da estrela?”: uma análise do romance A hora da estrela de Clarice Lispector.** 2014. Dissertação (Doutorado em Letras) - Universidade de São Paulo, São Paulo, 2014.

CANDIDO, Antonio. **Literatura e Sociedade.** 9. ed. Rio de Janeiro: Ouro sobre Azul, 2006.

CHIAPPINI, Lígia. **Pelas ruas da cidade uma mulher precisa andar.** São Paulo: Revista da USP, n.1, 1996.

GUIDIN, Márcia Lígia. **Roteiro de Leitura: A hora da estrela.** 2. ed. São Paulo: Ática, 2002.

LISPECTOR, Clarice. **A hora da estrela.** 1. ed. Rio de Janeiro: Rocco, 2020.

MOTA, Marcus. **Clarice em performance: uma análise da entrevista de 1977.** Revista Cerrados, Brasília, UNB, v. 54, n.31, p. 207-225, 2020.

REIMÃO, Cassiano. **Existencialismo.** E-Dicionário de Termos Literários. 2009. Disponível em: <https://edtl.fcsh.unl.pt/> Acesso em: 15 de jan. de 2023.

SOUZA, Ana Aparecida Arguelho de. **O Humanismo em Clarice Lispector: um estudo do ser social em A hora da estrela.** São Paulo: Limiar, 2006.